

REGIÃO CENTRO, ALENTEJO E EXTREMADURA

UM ESTUDO COMPARATIVO DA REGIÃO DE FRONTEIRA

Carla Coimbra*

I - INTRODUÇÃO

A integração europeia, com o consequente esbatimento das fronteiras, veio intensificar as relações existentes entre as regiões de fronteira de Portugal e Espanha. Desde então tem-se apostado numa cooperação entre as várias regiões fronteiriças, no sentido de aproveitar sinergias resultantes da sua proximidade territorial. Reconhece-se, desde a década de 80 principalmente, que o relacionamento transfronteiriço pode ser importante para o desenvolvimento local e regional.

Neste estudo pretende-se confrontar as realidades da Região Centro, do Alentejo e da Extremadura, enquanto regiões pertencentes à raia ibérica, analisando ambos os lados da fronteira com o objectivo de encontrar, entre si, elementos de complementaridade por um lado e de concorrência por outro. Este confronto permite ainda concluir se estas três regiões constituem um espaço ibérico contínuo ou com especificidades próprias. Para este efeito convencionou-se como região de fronteira o espaço constituído pelas regiões NUTS III Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira na Região Centro, Alto Alentejo, Alentejo Central e Baixo Alentejo na região do Alentejo e as províncias de Cáceres e Badajoz na Extremadura. Ao longo do estudo foram sendo analisados alguns temas fundamentais para a caracterização de um espaço geográfico - Território, População e Emprego, Actividade Económica e Indicadores Sociais.

A elaboração deste artigo baseou-se em informação da recente publicação “Estatísticas das Regiões Fronteiriças da Extremadura, do Alentejo e da Região Centro 2001”, resultado da cooperação entre o Instituto Nacional de Estatística de Portugal e da Junta da Extremadura de Espanha. Embora esta publicação apresente também um capítulo com informação por concelho, neste estudo privilegia-se a desagregação geográfica por NUTS II e III. A informação utilizada mais actualizada respeita a 1999, garantindo-se, no entanto, que os dados apresentados para as regiões portuguesas e para as províncias espanholas, embora de fontes diferentes, são comparáveis em termos conceptuais.

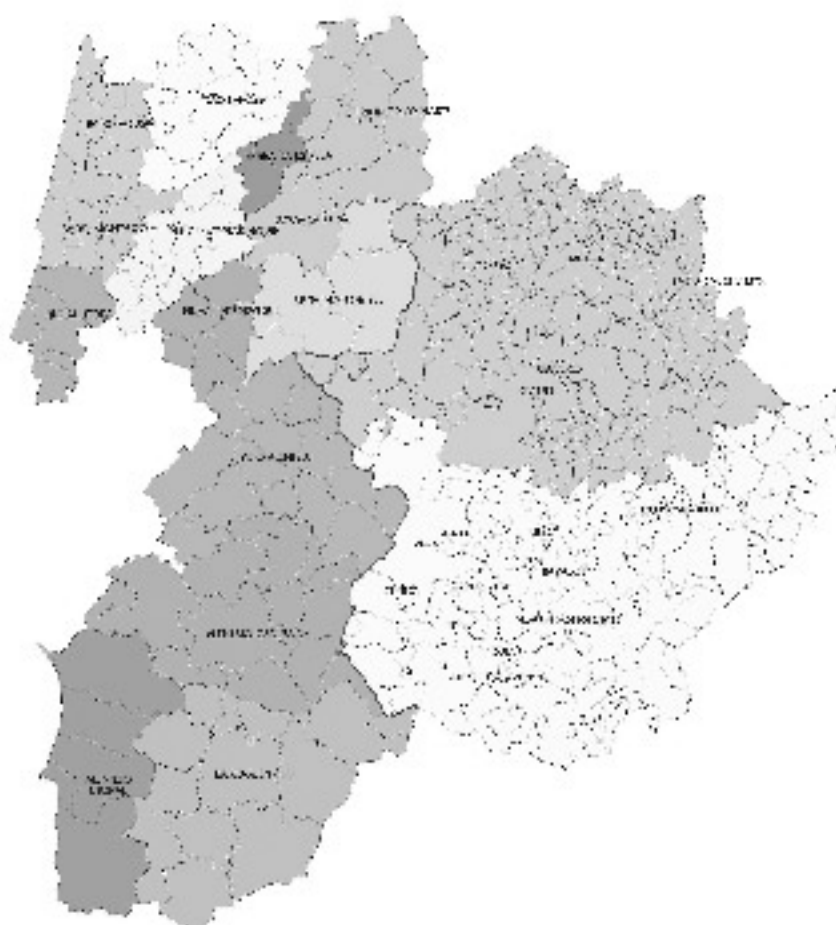
* Direcção Regional do Centro - Instituto Nacional de Estatística

II - TERRITÓRIO, POPULAÇÃO E EMPREGO

Território e População

O espaço geográfico constituído pelas regiões Centro e Alentejo, do lado português, e pela Extremadura, no lado espanhol, abrangem uma área de cerca de 92.233 Km², o que representa mais de 15% da superfície da Península Ibérica.

Mapa 1
Região Centro, Alentejo e Extremadura, por NUTS III



A Região Centro, com uma área de cerca de 23.668 Km², é constituída por 10 NUTS III: Baixo Vouga, Baixo Mondego, Pinhal Litoral, Pinhal Interior Norte, Dão Lafões, Pinhal Interior Sul, Serra da Estrela, Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira, sendo somente estas três últimas sub-regiões as que se convencionaram de fronteira. No seu conjunto, estas três regiões NUTS III ocupam uma superfície de, aproximadamente, 9.180 Km², o que corresponde a 39% do total da Região Centro. Já no Alentejo somente a sub-região Alentejo Litoral não é território de fronteira com Espanha. Sendo assim, 81% da área do Alentejo é ocupada pelas NUTS III do interior que figuram do espaço fronteiriço: Alto Alentejo, Alentejo Central e Baixo Alentejo.

Do lado espanhol, a Extremadura ocupa uma área superior ao conjunto das regiões portuguesas NUTS III de fronteira do Centro e do Alentejo - 41.634 Km².

A superfície ocupada pela Extremadura, embora muito superior à das regiões portuguesas fronteiriças, representa 8% do território espanhol e onde reside apenas 3% da população do país. O caso português é bastante diferente: as regiões Centro e Alentejo, no seu conjunto, ocupam uma área de 55% mas onde residem 22% da população portuguesa. À parte destas especificidades, de natureza supra-regional, iremos encontrar bastantes afinidades entre a forma de organização do Alentejo e da Extremadura. Estes dois países têm, de facto, diferentes formas de organização espacial.

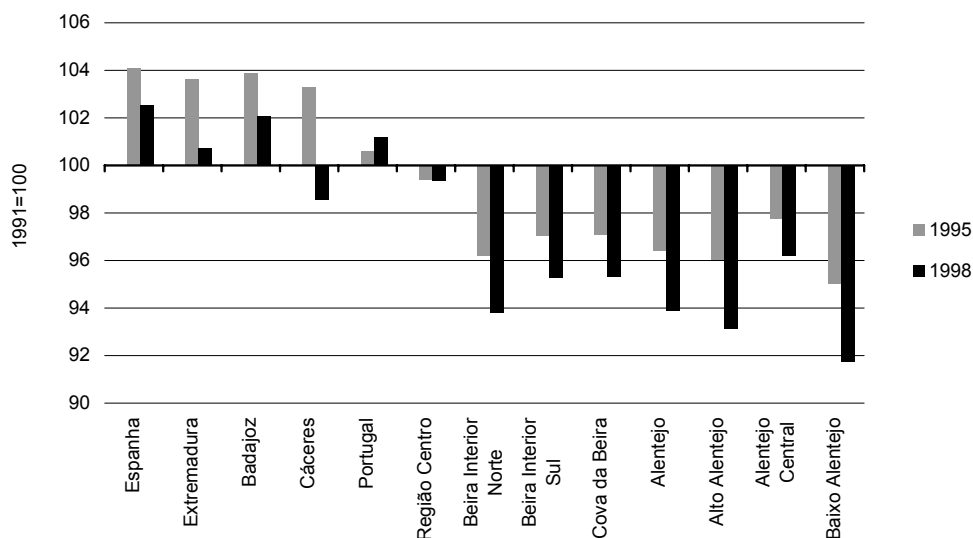
Quadro 1
Território e População

	Área Total (Km ²)	Concelhos (Nº)	População Residente (Nº)	Densidade Populacional (Hab/Km ²)
	1996	1996	1998	1998
Espanha	505 990,0	8 097	39 852 651	78,8
Extremadura	41 634,0	381	1 069 419	25,7
Badajoz	21 766,0	163	663 803	30,5
Cáceres	19 868,0	218	405 616	20,4
Portugal	91 906,0	305	9 979 450	108,6
Região Centro	23 668,2	78	1 710 330	72,3
Beira Interior Norte	4 068,8	9	111 180	27,3
Beira Interior Sul	3 738,1	4	77 270	20,7
Cova da Beira	1 372,6	3	88 750	64,7
Alentejo	26 931,2	46	510 320	18,9
Alto Alentejo	5 936,7	14	119 830	20,2
Alentejo Central	7 228,9	14	166 680	23,1
Baixo Alentejo	8 503,4	13	131 220	15,4

Em termos populacionais, verifica-se que a região de fronteira apresenta características bastante semelhantes. De facto, embora o conjunto da Região Centro registe uma densidade populacional relativamente elevada - 72,3 habitantes por Km² - quando caminhamos para o interior esta diminui consideravelmente para níveis próximos do Alentejo e da Extremadura. Este fenómeno é bastante caracterizador das zonas fronteiriças pois são regiões localizadas no interior dos seus países, mais periféricas e afastadas dos centros de decisão, o que contribui muito para a sua crescente desertificação. Para além disso, esta fraca dinâmica populacional está, intrinsecamente, relacionada com a existência de poucos centros urbanos nestas regiões.

Se procedermos a uma análise dinâmica e observarmos o crescimento populacional, na última década, verificamos todavia que este foi bastante díspar na Península Ibérica (veja-se o Gráfico 1). Em Espanha, face a 1991, a população cresceu cerca de 4% até 1995, registando-se depois uma desaceleração no seu ritmo de crescimento até 1998. Já em Portugal verificou-se um crescimento populacional menos intenso mas mais gradual, crescendo cerca de 0,6% de 1991 a 1995 e de 1995 a 1998.

Gráfico 1
Evolução da População Residente 1991-1998



Com efeito, na década de 90, registou-se uma queda da população na Região Centro e no Alentejo, ao contrário da tendência que se verificava no país. Este decréscimo populacional atingiu maiores valores nas sub-regiões fronteiriças, aumentando assim a desertificação demográfica do interior português. O interior é muito penalizado pela grande importância que os fenómenos migratórios aqui assumem, responsáveis pela perda de população para o litoral. O litoral continua, assim, a revelar-se um maior foco de atracção para as populações dada a sua localização geográfica, as acessibilidades e também as oportunidades profissionais que aí surgem.

Do lado espanhol, a desaceleração do ritmo de crescimento populacional denotou-se, principalmente, no período após 1995. Na Extremadura, este fenómeno populacional teve um impacto mais forte do que no total do país, nomeadamente na província de Cáceres em que a população decresceu mesmo relativamente a 1991. Badajoz evidencia algum dinamismo populacional embora sem repercussões visíveis ao nível do indicador densidade populacional dada a sua vasta extensão territorial. As restantes sub-regiões conjugam uma débil densidade populacional com taxas regressivas do crescimento da sua população.

Para melhor compreender a evolução demográfica no espaço fronteiriço ibérico, é necessário avaliar o excedente de vidas (ou saldo natural) pois a queda da população pode também dever-se à existência de um saldo natural negativo. Para tal, vai analisar-se, a partir do Gráfico 2, a diferença entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade - excedente de vidas.

O crescimento populacional registado nos países da Península Ibérica justifica-se pelo saldo natural positivo mais que compensando os possíveis movimentos de migração. De facto, a taxa de natalidade tem-se mantido, ao longo do tempo, superior à taxa de mortalidade, contribuindo assim para que a população dos respectivos países aumente. Ao nível regional e infra-regional, a realidade é um pouco diferente.

Gráfico 2
Taxa de Natalidade e de Mortalidade em 1998

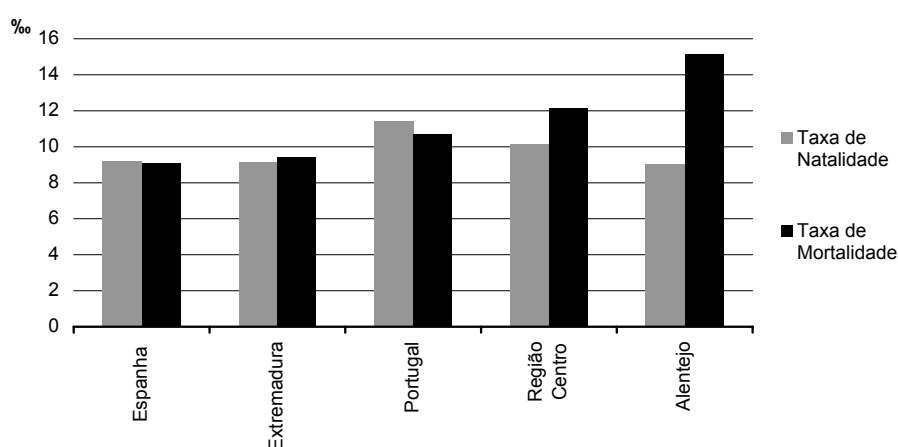
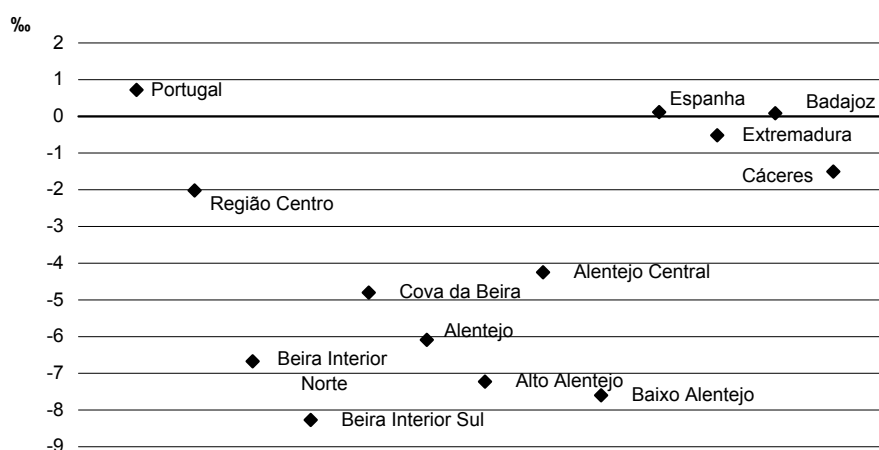


Gráfico 3
Saldo Natural em 1998



Todas as regiões fronteiriças analisadas - Região Centro, Alentejo e Extremadura - registaram um excedente de vidas negativo, como se pode verificar no Gráfico 3. No entanto, é possível constatar que a zona fronteiriça apresenta características um pouco heterógeneas: enquanto do lado português a taxa de mortalidade em cada sub-região distancia da taxa de natalidade em mais de 4‰, nas províncias espanholas em estudo Cáceres apresenta um excedente de vidas negativo de apenas 1,5‰ e Badajoz valores ligeiramente positivos, na ordem dos 0,1‰.

A evolução da população pode, de facto, dever-se a dois fenómenos diferentes: ao saldo natural (diferença entre a natalidade e a mortalidade) e ao saldo migratório. Na zona de fronteira portuguesa embora os fenómenos migratórios contribuam em muito para a perda de população aí verificada, um outro motivo para o decréscimo populacional prende-se com o crescente hiato entre a taxa de mortalidade e a taxa de natalidade.

Gráfico 4
Estrutura Etária da População em 1998

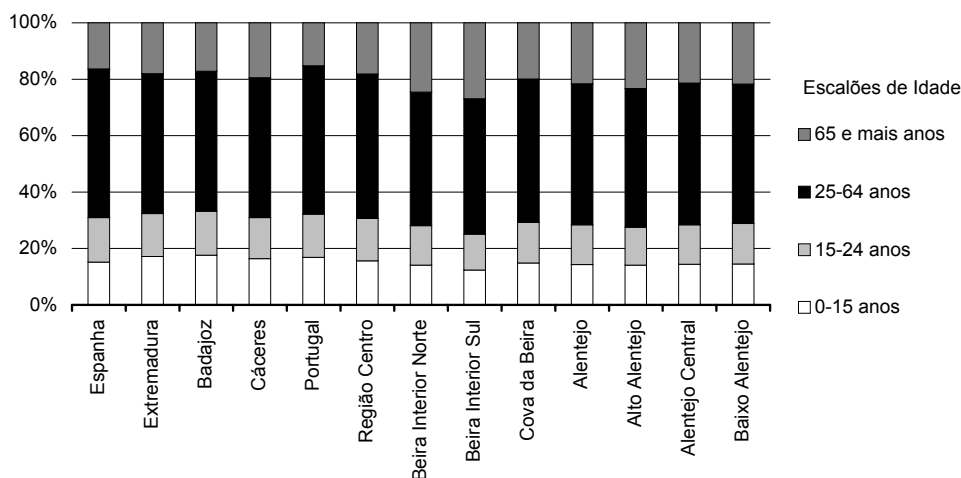
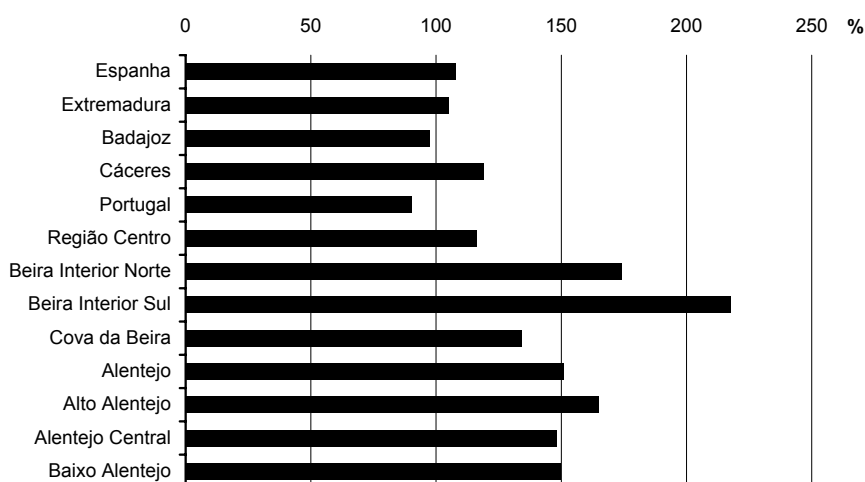


Gráfico 5
Índice de Envelhecimento¹ em 1998



A característica mais marcante no retrato demográfico do espaço fronteiriço formado pelo triângulo Região Centro - Alentejo - Extremadura é, sem dúvida, o envelhecimento da população que condiciona, cada vez mais, o crescimento populacional futuro destas regiões.

Em Portugal, a população idosa é ainda inferior à população jovem mas tem aumentado ao longo do tempo, contribuindo assim para que, num futuro próximo, a taxa de mortalidade ultrapasse a taxa de natalidade. O fenómeno do envelhecimento da população tem especial importância na zona de fronteira, uma vez que na Região Centro existem, em 1998, cerca de 116 idosos por cada 100 jovens e no Alentejo em que por cada 100 jovens existem, aproximadamente, 151 idosos.

¹ Refere-se ao número de residentes com 65 ou mais anos por cada 100 residentes com menos de 15 anos.

Como se pode observar no Gráfico 5, ao nível das sub-regiões portuguesas de fronteira, os valores mais elevados do índice de envelhecimento registam-se na Beira Interior Sul onde a população idosa ascende a mais do dobro da população jovem aí residente. Como já foi referido, o interior do país evidencia também uma crescente perda da população jovem devido aos fluxos migratórios em direcção ao litoral. Verifica-se assim um acentuado duplo envelhecimento - pela base, com uma diminuição crescente da população jovem, e pelo topo, com o aumento da população idosa.

Em Espanha e particularmente na região da Extremadura, a população idosa ultrapassa também a população jovem. As províncias de Cáceres e Badajoz apresentam todavia uma realidade distinta: enquanto a província de Cáceres apresenta uma estrutura da população mais semelhante às regiões portuguesas, com um maior peso da população idosa, Badajoz tem um índice de envelhecimento de apenas 97%. Badajoz é a única NUTS III, das sub-regiões do espaço fronteiriço em análise, a apresentar um saldo natural positivo uma vez que a sua população jovem é ainda superior à população com 65 ou mais anos.

Emprego

A informação estatística relativa ao emprego e desemprego só se encontra disponível ao nível das regiões NUTS II. Nada de muito exacto se pode assim concluir quanto ao espaço fronteiriço que temos vindo a analisar, no seu conceito mais estrito, composto pelas duas províncias espanholas e pelas seis sub-regiões portuguesas.

Quadro 2
Indicadores do Emprego e Desemprego em 1999*

	População Total	População Activa	População Empregada	População Desempregada	Taxa de Actividade	Taxa de Desemprego
	Milhares de Pessoas				%	%
Espanha	32 695,9	16 423,0	13 817,5	2 605,5	50,2	15,9
Extremadura	874,4	419,5	314,8	104,7	48,0	24,9
Portugal	8 138,2	5 041,6	4 821,0	220,7	62,0	4,4
Região Centro	1 410,0	952,7	932,5	20,3	67,6	2,1
Alentejo	420,9	224,0	208,9	15,0	53,2	6,7

* Para a população com 16 e mais anos.

No que respeita aos indicadores² escolhidos para reflectir o mercado de trabalho (ver Quadro 2), a Região Centro destaca-se, claramente, das restantes regiões fronteiriças contíguas bem como da média nacional. A Região Centro regista, simultaneamente, uma das taxas de actividade mais elevada e uma das taxas de

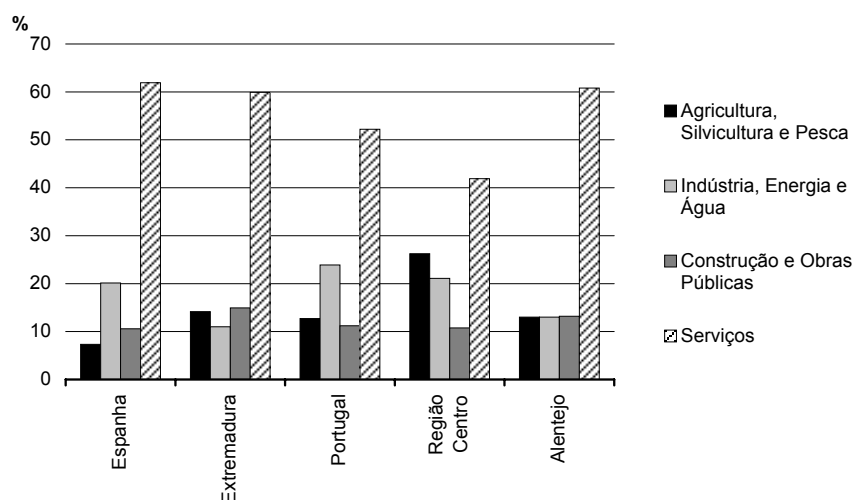
² Os indicadores de emprego e desemprego respeitam todos à população com 16 ou mais anos por forma a garantir a comparabilidade entre os dados para Portugal e para Espanha. Enquanto em Portugal a idade mínima para trabalhar é aos 15 anos, em Espanha só é possível ser empregado com 16 ou mais anos.

desemprego mais baixa da União Europeia. Em princípio, poder-se-á aferir que, pelo menos, a taxa de desemprego será ainda mais baixa nas regiões de fronteira, uma vez que o desemprego é um fenómeno mais comum nos grandes centros urbanos, sendo quase inexistente no interior. Por outro lado, também é previsível que devido ao forte envelhecimento da população bem como ao importante decréscimo populacional, a taxa de actividade se situe bastante aquém dos valores apresentados para as NUTS II.

O Alentejo, embora com uma taxa de desemprego superior à do país e com uma taxa de actividade ligeiramente superior a 50%, está também bastante aquém dos valores registados em Espanha e, especialmente, na Extremadura em que um quarto da população em idade activa se encontra desempregada.

Pode concluir-se que a proximidade física entre as sub-regiões de fronteira, pelo menos a avaliar pelos indicadores regionais, não confere características semelhantes no que concerne às questões do emprego. A maior parte dos problemas do mercado de trabalho estão mais relacionadas com especificidades de cada país e com a sua capacidade de absorção da população em idade activa.

Gráfico 6
População Empregada com 16 e mais anos, por Sectores de Actividade Económica, em 1999



A estrutura sectorial do emprego evidencia a forte terciarização das economias. Em Espanha, o peso dos serviços - cerca de 62% da população empregada - é ainda superior ao que se regista em Portugal - 52%. Pelo contrário, o sector menos representativo na economia, a avaliar pelo peso da população empregada, difere entre os dois países: enquanto em Espanha é a agricultura, silvicultura e pesca, em Portugal é a construção e obras públicas.

Em termos regionais, a Extremadura e o Alentejo apresentam características mais semelhantes entre si, destacando-se em ambas as regiões o peso que o sector da construção tem vindo a ganhar. A Região Centro apresenta uma estrutura sectorial do emprego um pouco diferente, destacando-se a importância relativa da agricultura, silvicultura e pesca.

É importante contudo não esquecer o facto da realidade da Região Centro, no seu conjunto, esconder, em certa medida, as especificidades do interior e, nomeadamente, da zona de fronteira. No caso do Alentejo e da Extremadura esta imprecisão da análise ao nível regional não tem implicações, uma vez que quase todas as NUTS III no caso do Alentejo e todas no da Extremadura pertencem ao convencionado território de fronteira.

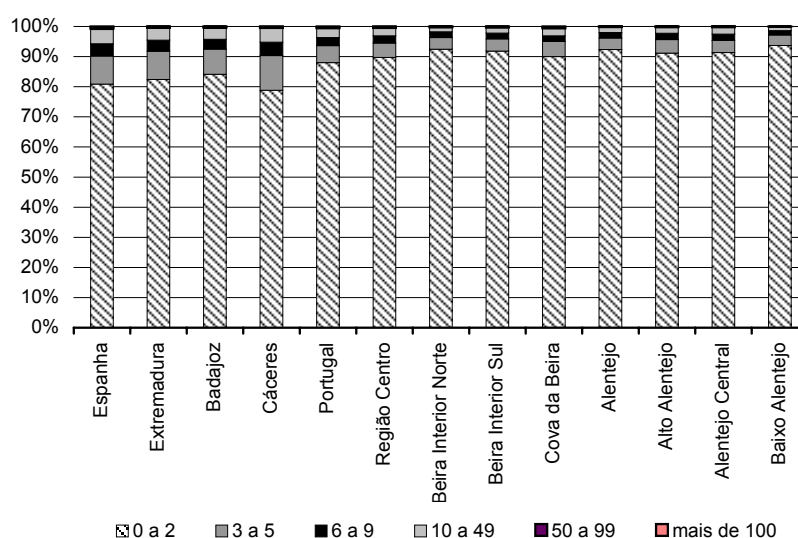
III - ACTIVIDADE ECONÓMICA

Empresas e Produção

O tecido produtivo do espaço fronteiriço em análise é caracterizado por empresas de muito pequena dimensão, micro-empresas, em que as sociedades aí sediadas têm, claramente, um peso pouco significativo. O número de empresas destas regiões não tem crescido muito ao longo do tempo, o que se deve essencialmente à já existente debilidade do tecido económico e empresarial e ao facto deste espaço ter características pouco atractivas para a fixação de novas empresas - dificuldades de acesso a grandes mercados, menor capacidade de discussão com os centros de decisão e falta de capacidade de iniciativa.

Para além de existirem, relativamente, poucas empresas sediadas nestas zonas de fronteira, é também claro que quase a sua totalidade são micro-empresas de cariz familiar e com um número muito reduzido de pessoas ao serviço como se pode inferir do Gráfico 7. Estas empresas são, geralmente, menos dinâmicas e com fraca capacidade negocial.

Gráfico 7
Empresas segundo o Escalão de Pessoal ao Serviço em 1998



Para aferir da estrutura produtiva e perfis de especialização nestas sub-regiões, procedeu-se à análise dos contributos de cada sector de actividade para o valor acrescentado bruto (VAB) avaliado a preços de base.

Quadro 3
Estrutura do VAB por Ramos de Actividade (%)

	Espanha				Portugal			
	1995	1996	1997	1998	1995	1996	1997	1998
Agricultura, Silvicultura e Pesca	4,6	5,0	4,6	4,4	5,5	5,2	4,4	4,1
Indústria, Energia e Construção	31,0	30,4	30,6	30,7	30,9	31,3	31,4	30,8
Energia	4,1	4,1	4,0	3,9	3,3	3,2	2,9	2,9
Indústria	19,0	18,8	19,1	19,2	20,7	21,0	20,8	20,2
Construção	7,9	7,6	7,4	7,6	7,0	7,1	7,7	7,8
Serviços	69,1	68,7	69,0	69,0	68,9	68,6	69,6	70,3
SIFIM	-4,7	-4,2	-4,2	-4,0	-5,3	-5,1	-5,4	-5,3

	Extremadura				Região Centro				Alentejo			
	1995	1996	1997	1998	1995	1996	1997	1998	1995	1996	1997	1998
Agricultura, Silvicultura e Pesca	10,1	10,7	11,6	13,4	8,6	8,3	7,3	5,6	19,0	19,1	17,9	17,7
Indústria, Energia e Construção	26,3	24,9	23,0	21,4	36,6	37,2	37,8	38,3	29,9	29,8	31,8	28,1
Energia	6,9	6,7	4,8	3,7	2,6	3,0	2,9	2,8	9,3	10,1	9,0	6,9
Indústria	6,6	6,6	7,0	7,1	27,9	27,7	27,4	27,6	16,0	15,2	17,7	16,4
Construção	12,7	11,5	11,2	10,6	6,1	6,5	7,5	7,9	4,5	4,5	5,1	4,8
Serviços	68,3	68,6	69,6	69,2	60,1	59,6	60,3	61,4	56,4	56,2	55,7	59,5
SIFIM	-4,7	-4,2	-4,2	-4,0	-5,3	-5,1	-5,4	-5,3	-5,3	-5,1	-5,4	-5,3

Numa primeira análise do Quadro 3, verifica-se que as regiões em estudo apresentam um particular peso dos serviços no seu VAB, embora abaixo da média dos respectivos países. Já a agricultura, silvicultura e pesca regista um peso no VAB bastante acima do que se verifica no país, destacando-se as regiões do Alentejo e da Extremadura e, pelo menos em 1995³, também do interior da Região Centro. Mais uma vez só se encontra disponível esta informação para toda a série apresentada para as regiões NUTS II, sendo assim necessário tentar aferir das sub-regiões através de dados de um único ano - 1995 - e da análise de outros indicadores. A estrutura produtiva das NUTS III da Região Centro do que temos vindo a designar por região fronteira deverá contudo aproximar-se mais da observada no Alentejo e Extremadura.

No que respeita à indústria, as NUTS III do interior da Região Centro observarão também, tal como no total regional, um peso importante deste sector no VAB total dado que estamos a considerar a Cova da Beira, sub-região com uma forte tradição industrial nomeadamente no sector têxtil. De facto, em 1995, o VAB do sector industrial representava no total cerca de 16% na Beira Interior Norte, 26% na Beira Interior Sul e 27% na Cova da Beira.

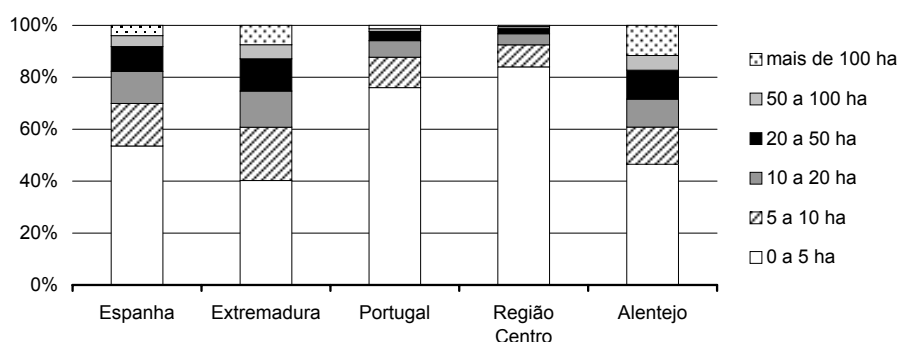
Analisaremos, de seguida, cada um dos sectores individualmente e o seu contributo para a actividade económica regional.

³ Ver Instituto Nacional de Estatística, Contas Regionais, 1995, dados por NUTS III.

Agricultura e Pecuária

Como já verificámos quer pelo lado da população empregada quer pelo peso do VAB deste sector de actividade, a agricultura é uma actividade de grande importância no espaço fronteiriço.

Gráfico 8
Explorações Agrícolas segundo a Dimensão da SAU em 1997



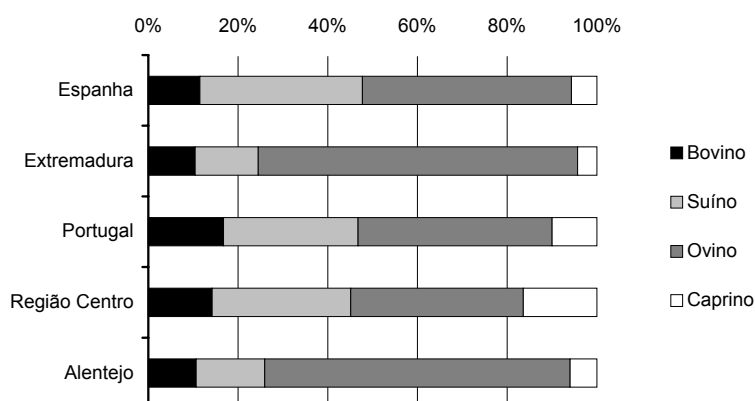
Numa primeira análise da superfície agrícola utilizada (SAU), por NUTS II, verifica-se que na Região Centro mais de 90% das explorações agrícolas têm menos de 10 ha (bastante acima da média do país). Mais uma vez é importante distinguir o interior do conjunto da região: cerca de 93% das explorações da Beira Litoral⁴ encontram-se nas classes com menos de 10 ha (e 28% têm menos de 1 ha), sendo que na Beira Interior esta percentagem é inferior a 68% (e apenas 10% têm menos de 1 ha). Parece assim que a SAU média das explorações agrícolas da Beira Interior se aproxima mais da observada na Extremadura e no Alentejo. Refira-se que esta análise, por si só, não permite retirar ilações sobre a verdadeira dimensão das explorações.

No espaço fronteiriço ibérico distinguem-se, a avaliar pelas colheitas de 1996, as seguintes culturas: trigo, cevada, milho e girassol. O tomate tem algum relevo no Alentejo e na Extremadura mas não é produzido na Beira Interior da Região Centro. Já a batata assume grande relevo na estrutura produtiva agrícola da Região Centro e não nas restantes regiões fronteiriças. Conclui-se, todavia, que a agricultura de todo o interior fronteiriço, principalmente do lado português, está, de facto, mais direccionada para as culturas em regime de sequeiro.

A produção de vinho assume maior importância do lado espanhol já que em Portugal só duas regiões NUTS III das analisadas neste trabalho - Beira Interior Norte e Alentejo Central - apresentam valores relevantes.

³ A Região Centro encontra-se dividida em duas regiões agrárias: a Beira Litoral e a Beira Interior. A Beira Litoral corresponde às regiões NUTS II Baixo Vouga, Baixo Mondego, Pinhal Litoral, Pinhal Interior Norte e Dão Lafões e a Beira Interior às regiões Pinhal Interior Sul, Serra da Estrela, Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira.

Gráfico 9
Efectivos Pecuários em Dezembro de 1996



Relativamente à actividade pecuária, destaca-se a importância relativa da criação de gado nas regiões em estudo, uma vez que a Região Centro e o Alentejo absorvem mais de metade dos efectivos animais criados no país.

O maior número de efectivos da Extremadura e do Alentejo são ovinos, que representam cerca de 70% do total de efectivos. Na Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira, os ovinos também predominam embora não seja muito evidente nos dados do conjunto da região pois os suínos têm também um importante peso.

Indústria

Analisando o número de empresas sediadas na região, o seu pessoal ao serviço e o seu volume de negócios, conclui-se que a indústria das regiões em análise parece ter um peso pouco significativo na estrutura produtiva nacional - a Região Centro absorve cerca de 17% e o Alentejo cerca de 4% das empresas do sector industrial do país. Quanto ao pessoal ao serviço e volume de negócios, estas percentagens descem para 16% e 13%, respectivamente, no caso da Região Centro e 2%, em ambos os indicadores, no Alentejo. Já a indústria extremenha não chega a representar 1% do total de pessoas ao serviço e de volume de negócios do sector industrial espanhol.

Embora a Região Centro no seu conjunto se afaste, ligeiramente, dos níveis do Alentejo e da Extremadura, as sub-regiões fronteiriças - Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira - deverão ter também uma indústria pouco representativa. Todavia, não se pode ignorar a tradição industrial e empresarial da Cova da Beira, essencialmente na Covilhã, no que se refere ao sector têxtil. Em menor escala, também a Beira Interior Sul se destaca na manufatura industrial.

Analisando a estrutura industrial em cada região, verifica-se que o sector agro-alimentar tem grande importância em todo o espaço fronteiriço, tanto a avaliar pelo número de pessoas ao serviço como no volume de vendas.

Serviços

O turismo é um sector com grande relevância económica e motor do desenvolvimento regional.

No Quadro 4 faz-se uma análise da actividade turística das sub-regiões fronteiriças, comparando com o total do país.

Quadro 4
Peso da Actividade Turística da Extremadura face a Espanha e das sub-regiões de fronteira da Região Centro e do Alentejo face a Portugal em 1998

	Extremadura	Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira	Alto Alentejo, Alentejo Central e Baixo Alentejo
% Estabelecimentos Hoteleiros	2,1	2,5	3,8
% Dormidas	0,7	1,0	1,7
% Hóspedes	1,8	2,1	4,0
% Capacidade de Alojamento	0,9	1,5	1,9
% População Residente	2,7	2,8	4,2

Conclui-se que, embora a população da Extremadura represente cerca de 3% da população de Espanha, a percentagem de estabelecimentos hoteleiros localizados na Extremadura fica aquém destes valores, evidenciando assim uma reduzida importância turística desta região quando comparada com o resto do país. O mesmo acontece nos casos das NUTS III fronteiriças portuguesas em que o peso populacional de cada uma destas sub-regiões no total do país é superior à percentagem de estabelecimentos hoteleiros. Esta desvantagem ao nível da actividade turística agrava-se quando tomamos outros indicadores como dormidas e capacidade de alojamento. Já o número de hóspedes apresenta valores mais próximos dos registados para os estabelecimentos hoteleiros e para a população destas sub-regiões.

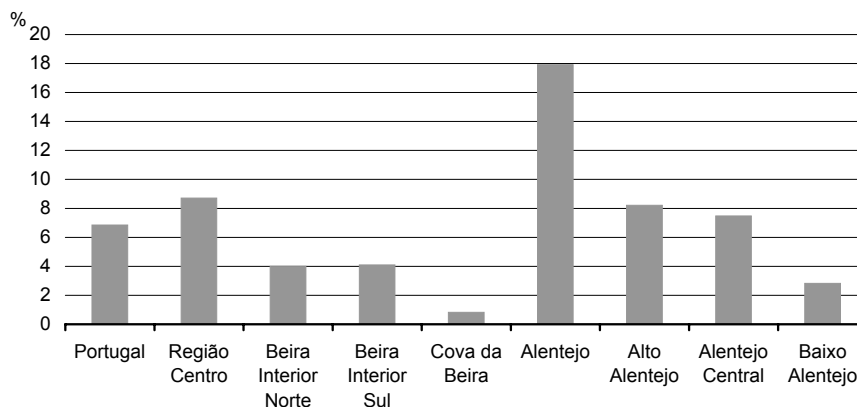
Obviamente, que os valores nacionais são influenciados por outras regiões em que o turismo assume crucial importância tanto do lado espanhol como do português, principalmente as do litoral.

As actividades turísticas destas regiões do interior estarão mais relacionadas com o turismo cultural e natural, que se encontra em expansão, mas actualmente com pouca dimensão, tanto nas cidades como no espaço rural.

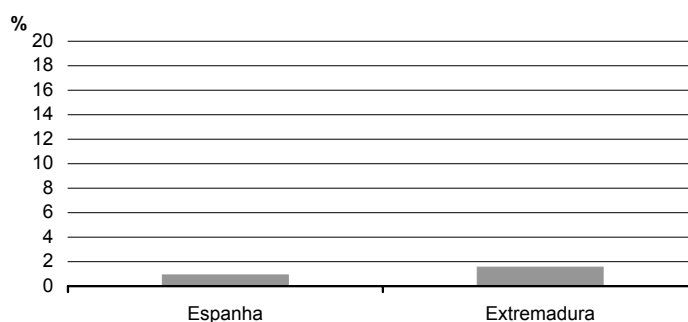
Passemos a analisar as relações apenas entre os dois países ibéricos: o movimento turístico, avaliado em termos de dormidas, no espaço português de espanhóis e no espaço espanhol de portugueses.

Gráfico 10

A) Peso das Dormidas em Estabelecimentos Hoteleiros portugueses de residentes em Espanha em 1998



B) Peso das Dormidas em Estabelecimentos Hoteleiros espanhóis de residentes em Portugal em 1998⁵



Embora o peso das dormidas de espanhóis no conjunto da Região Centro seja superior ao que se verifica no país, a área de fronteira definida como a Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira fica bastante aquém. As dormidas de espanhóis na Beira Interior Norte representam apenas 4%, o mesmo acontecendo também na Beira Interior Sul. Na Cova da Beira, apenas uma em cada cem dormidas nos estabelecimentos hoteleiros dessa região respeita a residentes em Espanha.

No Alentejo, as dormidas de turistas espanhóis têm um peso bastante significativo, que contudo diminui bastante quando nos restringimos às sub-regiões de fronteira. De facto, o litoral continua a ser mais procurado mesmo pelo país vizinho.

⁵ Foi utilizada a mesma escala entre os gráficos 10A) e 10B) para ser possível a comparação.

Do lado espanhol, verifica-se uma procura turística quase inexistente por parte dos portugueses: o peso das dormidas em estabelecimentos hoteleiros espanhóis de residentes em Portugal não chega a 1% e na Extremadura é também de pouco mais de 1,5%.

Se abandonarmos o Gráfico 10 e restringirmos a análise a apenas dormidas e hóspedes de estrangeiros da União Europeia, as conclusões apontam para uma maior complementariedade destes dois países ibéricos. O maior número de hóspedes da União Europeia, na Extremadura, exceptuando-se os residentes em Espanha, é registado pelos portugueses, que representam 26%. As dormidas na Extremadura tendo em conta este tipo de hóspedes têm como principal mercado os alemães, que representam 25%, logo seguido pelos portugueses com um peso de 24%.

O espaço fronteiriço português também é um mercado que os espanhóis privilegiam em termos turísticos, quando se restringe a análise aos turistas estrangeiros da União Europeia. De facto, o maior número de dormidas e de hóspedes no conjunto das três sub-regiões da Região Centro - Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira - é levado a cabo por espanhóis. No Alentejo de fronteira, a situação é bastante semelhante.

Depois de analisada a vertente da indústria turística nas regiões objecto deste estudo, vamos analisar a capacidade importadora e exportadora das mercadorias.

Em 1998, considerando todos os mercados, verifica-se que tanto Espanha como Portugal, no seu conjunto, apresentam saldos da balança comercial deficitários enquanto as regiões em análise - Extremadura, Região Centro e Alentejo - têm saldos positivos.

Quadro 5
Peso das Entradas e Saídas da Extremadura face a Espanha
e da Região Centro e do Alentejo face a Portugal

	Extremadura	Região Centro	Alentejo
	%		
Entradas	0,2	8,1	1,2
Saídas	0,6	14,2	2,1

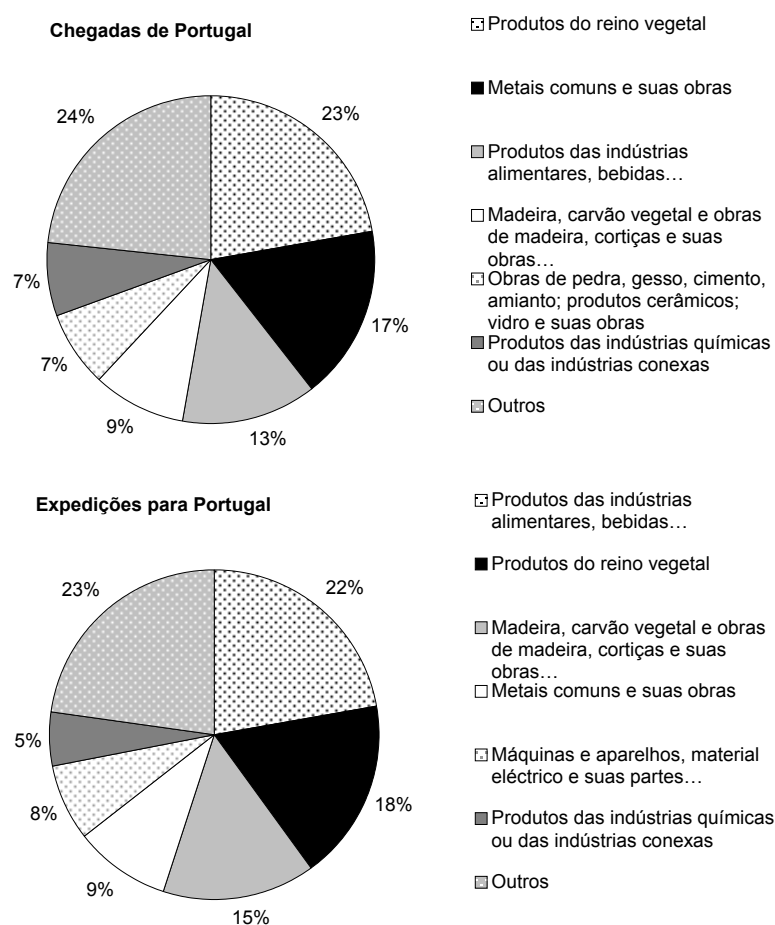
Se compararmos o valor das entradas⁶ e saídas⁷ de cada região NUTS II com o valor registado no país, concluímos que ao nível regional existem fracas relações comerciais com o exterior. No caso das entradas e saídas da Região Centro, os valores apresentados estão sobre-avaliados uma vez que a nossa análise se restringe só às três regiões do interior - Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira.

⁶ Entende-se por Entradas o somatório das chegadas a Portugal de mercadorias provenientes dos restantes Estados-membros, com as importações portuguesas com origem em países terceiros.

⁷ Entende-se por Saídas o somatório das expedições de mercadorias efectuadas por Portugal para os restantes Estados-membros, com as exportações de Portugal para os países terceiros.

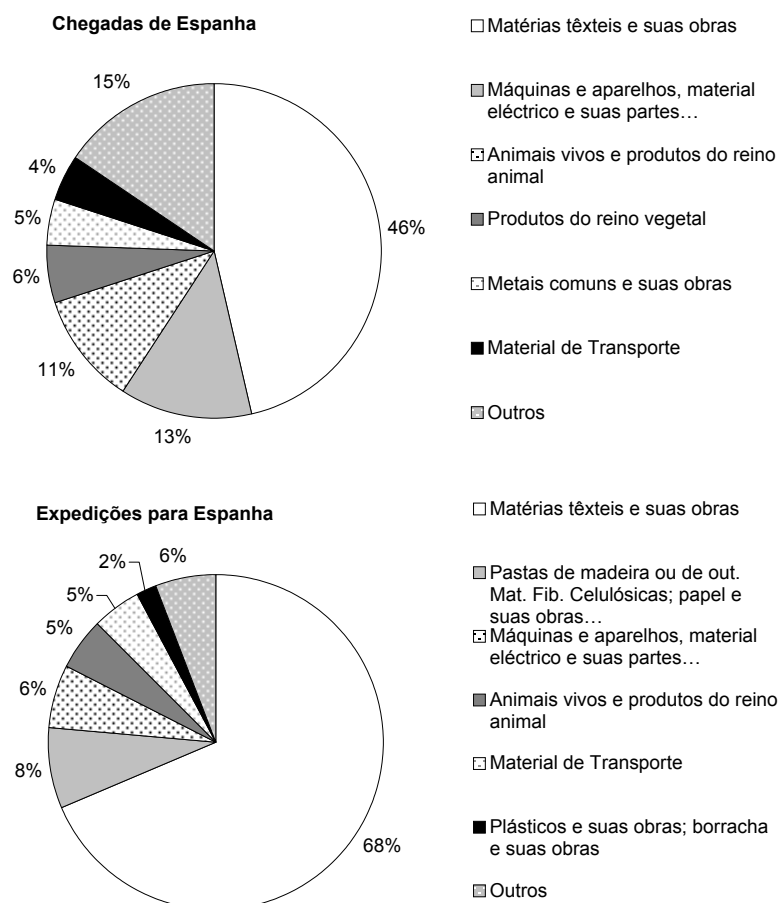
A análise do comércio internacional revela também alguma debilidade da estrutura económica do que temos vindo a designar por espaço fronteiriço. Mesmo concluindo que as relações comerciais das regiões da área de fronteira com o exterior são bastante débeis, é importante analisar as ligações existentes entre os dois países. A análise incidirá agora ao nível infra-regional, estudando as relações da Extremadura com Portugal e das sub-regiões fronteiriças portuguesas com Espanha.

Gráfico 11
Relações Comerciais da Extremadura com Portugal em 1998



Ao nível das chegadas à Extremadura oriundas de Portugal - Gráfico 11 - destacam-se os produtos do reino vegetal, os metais comuns e os produtos das indústrias alimentares e das bebidas. A liderar as expedições da Extremadura, com destino a Portugal, estão os produtos das indústrias alimentares e das bebidas, representando cerca de 22% do total, seguindo-se os produtos do reino vegetal e a madeira, carvão vegetal, obras de madeira e cortiça.

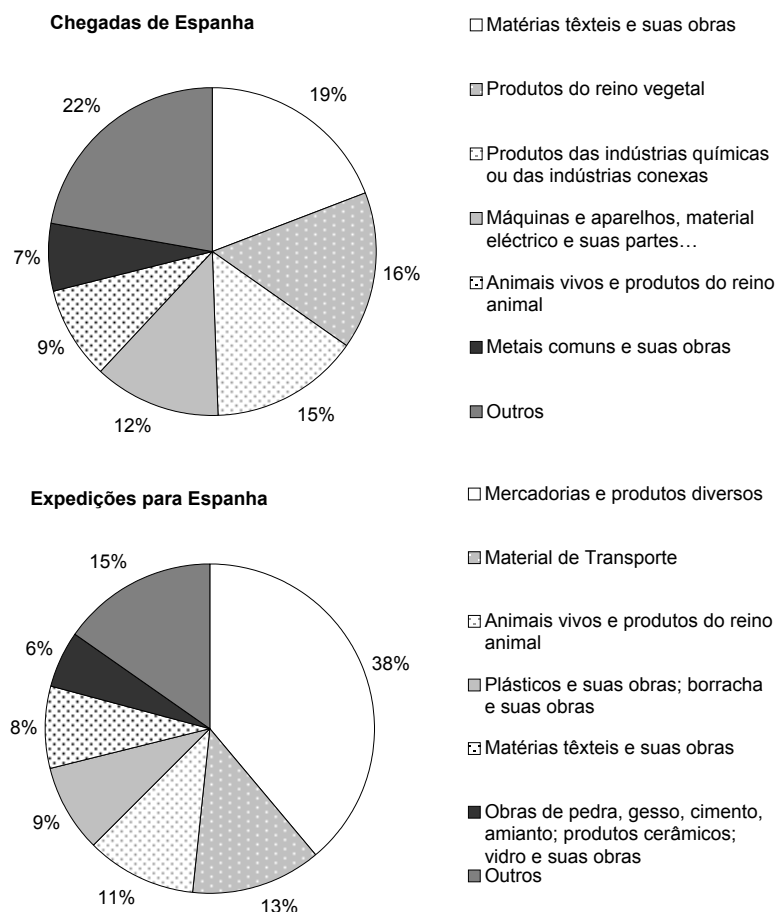
Gráfico 12
Relações Comerciais da Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira
com Espanha em 1998



Espanha é o principal mercado das exportações da Região Centro fronteiriça, representando cerca de 20% do total.

Como já tínhamos verificado noutras temáticas, o sector têxtil tem um forte peso na actividade económica da área de fronteira da Região Centro (ver Gráfico 12), principalmente na Cova da Beira. A secção das matérias têxteis lidera assim tanto as expedições como as chegadas das sub-regiões da Região Centro com destino e origem, respectivamente, em Espanha. As expedições do sector têxtil representam mais de 68% do total das expedições com origem neste espaço geográfico. A pasta de madeira e o papel são a segunda mercadoria mais exportada, com um peso, todavia de apenas 8% e que se deve, essencialmente à Beira Interior Sul.

Gráfico 13
Relações Comerciais do Alto Alentejo, Alentejo Central e Baixo Alentejo com Espanha em 1998



Espanha tem um peso ainda mais importante no mercado das expedições do Alentejo fronteiriço que o observado na Região Centro, representando quase 40% do total. Nestas relações comerciais do Alto Alentejo, Alentejo Central e Baixo Alentejo com Espanha, destacam-se, como se pode observar no Gráfico 13, as chegadas, com origem em Espanha, de matérias têxteis, de produtos do reino vegetal e produtos das indústrias químicas ou conexas e as expedições, com destino a Espanha, de mercadorias e produtos diversos, de material de transporte e de animais vivos e produtos do reino animal.

Dada a importância do mercado espanhol no escoamento dos produtos produzidos em Portugal e vice-versa, pode falar-se de algum dinamismo também criado pelo efeito de fronteira, ou seja, uma parte destas relações comerciais poderá ser estimulada pela proximidade e pelo conhecimento das necessidades dos dois países.

Também importante para esta temática das relações comerciais entre os países ibéricos é a análise das suas acessibilidades, ou seja, dos transportes e comunicações.

Quadro 6
Rede Nacional de Estradas em 1997

	km
Espanha	23397
Extremadura	1339
Badajoz	734
Cáceres	605
Portugal Continental	9780
Região Centro	2630
Beira Interior Norte	346
Beira Interior Sul	188
Cova da Beira	144
Alentejo	1789
Alto Alentejo	476
Alentejo Central	490
Baixo Alentejo	501

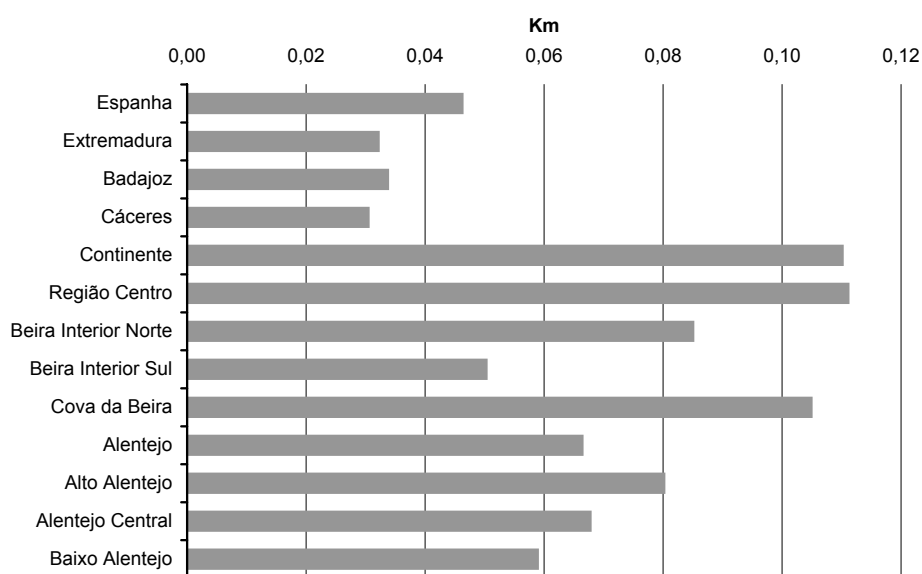
A rede nacional construída em Espanha é bastante superior à existente em Portugal, o mesmo acontecendo nas sub-regiões fronteiriças da Extremadura face à Região Centro e ao Alentejo, o que não surpreende se se tiver em conta as áreas envolvidas. Contudo, em termos relativos, esta supremacia espanhola mantém-se, com melhores acessibilidades e vias de comunicação ao dispor da população. Destaca-se, mesmo assim, os valores registados pelas sub-regiões portuguesas de fronteira, que apresentam uma maior extensão da rede de estradas, *per capita*, do que a observada no país. Atenua-se, nesta temática, a ilação retirada da análise dos vários indicadores que têm sido apresentados neste estudo, em que se concluía por um isolamento do interior ainda com alguma dimensão.

Gráfico 14
Extensão da Rede Nacional de Estradas (*per capita*) em 1997



Se, por outro lado, analisarmos a densidade das estradas, Portugal apresenta uma rede de estradas mais densa que Espanha, o mesmo acontecendo ao nível das sub-regiões do espaço fronteiriço português. De facto, como se pode verificar pelo Gráfico 15, o indicador Densidade das Estradas⁸ evidencia uma maior incidência de estradas nas sub-regiões fronteiriças portuguesas do que nas espanholas.

Gráfico 15
Densidade das Estradas em 1997



Destacam-se neste extenso território, alguns eixos viários importantes na inter-ligação entre os dois lados da fronteira, nomeadamente um eixo que liga Cáceres a Castelo Branco (Beira Interior Sul) e ao Marvão e Castelo de Vide (Alto Alentejo), um outro que liga Évora a Merida (articulando o eixo Elvas-Badajoz) e ainda o eixo de conexão que liga Badajoz e o Alentejo Central nomeadamente Mourão e Reguengos de Monsaraz. Contudo, muitas vezes estas ligações geram um efeito perverso dado que existem grandes eixos viários mas sem ligação ao território que atravessam, pelo que é necessário analisar os indicadores com algumas reservas.

⁸ Relaciona a extensão da rede nacional de estradas construída com a área da região ou do país (extensão da rede fundamental e complementar das estradas/área).

IV - INDICADORES SOCIAIS

Saúde e Segurança Social

As grandes assimetrias, que se têm vindo a denotar ao longo do estudo, entre o litoral e o interior fronteiriço, principalmente na Região Centro, são menos evidentes ao nível de alguns indicadores sociais.

Quadro 7
Indicadores de Saúde em 1998

	Hospitais	Médicos	Médicos por 1000 hab.	Camas por 1000 hab.	Taxa de mortalidade infantil*
	Nº				‰
Espanha	799	171 494	4,3	4,2	5,0
Extremadura	18	3 837	3,6	4,1	5,2
Portugal	215	31 087	3,1	4,0	6,4
Região Centro	41	5 215	3,0	4,5	5,6
Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira	6	435	1,6	4,3	5,2
Alentejo	10	732	1,4	3,2	5,2
Alto Alentejo, Alentejo Central e Baixo Alentejo	9	660	1,6	3,2	5,7

* Os dados referem-se a 1997.

Embora o número de hospitais, nomeadamente na zona fronteiriça da Extremadura e da Região Centro, seja reduzido, a avaliar pelas camas hospitalares existe uma boa cobertura da população.

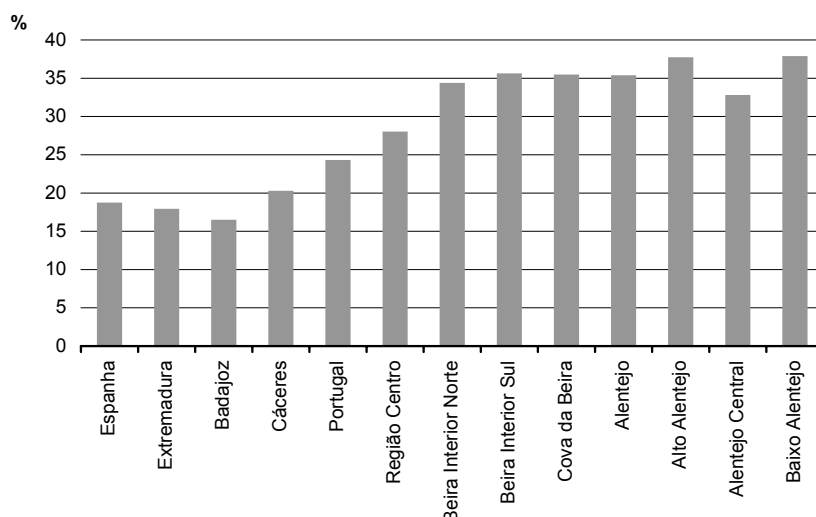
O número de médicos *per capita*, nas sub-regiões, está já um pouco aquém do que se verifica no país. O interior português é, de facto, muito penalizado pela falta de pessoal especializado que não quer trabalhar e fixar a sua residência em zonas mais distantes dos grandes centros urbanos. Em Espanha a distribuição aparenta ser bastante mais equilibrada. Como se pode verificar no Quadro 7, o número de médicos *per capita* registado na Extremadura é superior ao registado nas regiões portuguesas e próximo dos níveis observados no país.

No que respeita à taxa de mortalidade infantil - indicador que reflecte de algum modo os cuidados de saúde disponíveis e o bem-estar social da população residente - a Região Centro e o Alentejo apresentam uma taxa inferior ao valor de Portugal mas, em todo o caso, superior ao de Espanha. Ao nível infra-regional de fronteira, a Extremadura e as sub-regiões da Região Centro apresentam a mesma taxa - 5,2‰ - enquanto nas do Alentejo se regista uma mortalidade infantil um pouco superior - 5,7‰.

O sistema de pensões e da segurança social é outra matéria importante na caracterização social das regiões. Na Extremadura o número de pensionistas não é muito elevado face à média observada no país - existem cerca de 178 pensionistas por cada 1000 habitantes na região estremenha enquanto em Espanha esta relação ascende a 186 por cada 1000 habitantes.

Em Portugal, o número de pensionistas assume valores um pouco superiores aos registados no país vizinho, sendo particularmente elevados no interior do país onde o fenómeno do envelhecimento tem maior significado, como se pode verificar no Gráfico 16.

Gráfico 16
Pensionistas por 100 habitantes em 31/12/1998



Confrontando o Gráfico 5 e o Gráfico 16, verificamos exactamente a relação directa entre o envelhecimento das populações e o número elevado de pensionistas.

Tanto em Portugal como em Espanha, a percentagem de pensionistas por velhice atinge cerca de 60% do total dos beneficiários de pensões. Ao nível regional, enquanto na Extremadura esta percentagem desce para os 57%, no espaço que temos definido como fronteiroço da Região Centro e do Alentejo os pensionistas por velhice são já na ordem dos 65%. Destaca-se o valor mais elevado na Beira Interior Sul onde por cada 100 pensionistas cerca de 70 são beneficiários por velhice, que é onde se observa, simultaneamente, o maior índice de envelhecimento das regiões em estudo.

Educação

Na área da educação é frequente considerarmos que o interior apresenta uma baixa taxa de escolarização influenciado a escassez de mão de obra qualificada. No entanto, pela análise dos indicadores apresentados no Quadro 8, não parece observar-se, como seria de prever, uma posição menos favorável da região de fronteira.

De facto, considerando a desertificação populacional observada no interior e o forte envelhecimento da população residente nestas zonas, os indicadores referentes à educação apresentam um boa cobertura ao nível dos alunos que frequentam o ensino primário, com valores bastante próximos dos registados para o conjunto do país. Do lado espanhol, o peso dos alunos matriculados neste grau de ensino é ainda superior ao

registado em Portugal Continental. Obviamente que esta análise está enviesada pelo facto de não estarmos a relativizar o número de alunos de cada ciclo pela população, em vez do número total de alunos. No entanto, mesmo calculando o indicador número de alunos matriculados no 1º ciclo *per capita* verificamos que as sub-regiões de fronteira apresentam valores muito semelhantes aos registados no conjunto das regiões NUTS II a que pertencem bem como ao total nacional.

Quadro 8
Indicadores de Educação em 1998/1999

	Alunos matriculados no 1º ciclo	Alunos matriculados no ensino superior*	Alunos por Professor	Alunos por Escola	Professores por Escola	Alunos matriculados por 1000 hab.
	%		Nº			
Espanha	29,4	18,0	14,6	172,9	11,8	218,7
Extremadura	34,8	11,0	14,6	143,5	9,8	218,6
Portugal Continental	23,5	16,3	7,9	111,2	14,0	212,2
Região Centro	22,2	16,7	7,4	79,5	10,7	225,3
Beira Interior Norte, Beira Interior Sul e Cova da Beira	21,4	18,1	7,5	69,0	9,2	223,2
Alentejo	23,3	12,4	6,8	81,8	12,0	204,6
Alto Alentejo, Alentejo Central e Baixo Alentejo	22,8	14,8	7,0	85,2	12,2	209,0

* Os dados referem-se a 1997/1998

Ao nível dos alunos matriculados no ensino superior, a região de fronteira portuguesa apresenta valores bastante satisfatórios quando comparados com os observados em Portugal e na Extremadura. Relativizando igualmente o número de alunos matriculados no ensino superior pela população conclui-se também que este indicador apresenta valores muito próximos dos observados na regiões NUTS II e no país.

Esta variável deve contudo ser analisada com algum cuidado uma vez que os estudantes do ensino superior não estudam, grande parte das vezes, no local da sua residência, estando assim a ser considerados nestas sub-regiões alunos residentes noutras regiões bem como o contrário. Destacam-se alguns estabelecimentos do ensino superior na zona de fronteira - a Universidade da Extremadura, de Évora e da Beira Interior sita na Covilhã e os Institutos Superiores de Portalegre, Beja, Guarda e Castelo Branco - que são responsáveis pelo importante peso que os alunos do ensino superior têm nestas regiões.

Nos restantes indicadores, verifica-se uma relação do número de alunos por professor e do número de alunos por escola superior em Espanha, sendo todavia o número médio de professores por escola inferior. Da análise dos alunos matriculados por 1000 habitantes conclui-se que a área fronteiriça da Região Centro se destaca claramente das restantes sub-regiões fronteiriças com valores superiores aos verificados no país e em Espanha.

V - CONCLUSÃO

O espaço fronteiriço ibérico formado pelo triângulo Região Centro - Alentejo - Extremadura apresenta-se como uma euro-região com características típicas do interior: densidade populacional relativamente baixa, forte envelhecimento da população e empresas de pequena dimensão. Por outro lado, esta região apresenta também alguns indicadores que apontam para um bem-estar relativo das populações: nível de equipamentos de saúde satisfatório, boa taxa de escolarização, existência de vias de comunicação e de ligações viárias entre as sub-regiões fronteiriças.

O eixo fronteiriço Portugal/Espanha estudado apresenta, efectivamente, uma organização espacial um pouco diferente entre os dois países mas com um sistema de povoamento semelhante, a avaliar pela baixa densidade populacional das sub-regiões em análise. Badajoz apresenta contudo um dinamismo populacional que se distancia tanto da província de Cáceres como das NUTS III portuguesas, sendo a única desta área de fronteira a registar um saldo natural positivo e uma população ainda pouco envelhecida. O restante espaço ibérico fronteiriço evidencia taxas de mortalidade acima das taxas de natalidade e um crescente envelhecimento da sua população, acompanhado por fenómenos migratórios intensos em direcção ao litoral.

Ao nível do emprego e da estrutura produtiva destas regiões, verificaram-se algumas diferenças entre os dois países. As regiões portuguesas de fronteira apresentam uma taxa de desemprego menor e uma taxa de actividade mais elevada do que as registadas em Espanha. Já na distribuição sectorial do emprego em ambos os lados da fronteira se evidencia, manifestamente, um predomínio das actividades terciárias. De salientar todavia a importância da indústria, nomeadamente do sector têxtil, na Cova da Beira.

Um outro ponto de contacto nesta área fronteiriça respeita à dimensão e natureza das empresas aí sediadas, em que a maior parte são micro-empresas familiares.

Encontram-se também algumas analogias importantes ao nível das relações comerciais existentes na Península Ibérica, tanto quando se consideram as expedições como as chegadas das várias regiões fronteiriças.

Embora existam boas ligações da rede de estradas entre a Região Centro, o Alentejo e a Extremadura, estas geram muitas vezes um efeito perverso, uma vez que existem importantes eixos viários mas sem ligação ao território que atravessam.

O isolamento e distanciamento face aos grandes centros de decisão - problema comum no interior dos países - é, efectivamente, notório nestas regiões mas que não tem efeitos ao nível das condições de vida e bem estar das populações, pelo menos a avaliar pelos indicadores escolhidos neste estudo.

Estas sub-regiões apresentam uma cobertura bastante razoável ao nível das infra-estruturas de saúde apesar do número de médicos existente ser ainda insuficiente para servir toda a população aí residente. Este facto é conhecido de todos e deve-se à grande dificuldade em fixar médicos e pessoal especializado nas regiões do interior e, principalmente, fora dos centros urbanos. Do lado português o eixo urbano Guarda, Covilhã, Fundão e Castelo Branco na Região Centro e Évora e Portalegre no Alentejo apresentam níveis satisfatórios

no indicador médicos por 1000 habitantes mas os restantes concelhos destas NUTS III fronteiriças têm muito pouca cobertura destes serviços.

Nestas regiões coexistem dois fenómenos distintos: por um lado, uma população envelhecida e dependente de pensões e por outro um número de alunos *per capita* relativamente elevado. Também a percentagem de alunos quer matriculados no 1º ciclo quer no ensino superior é aceitável.

Comparando as várias regiões de fronteira, verifica-se que a Extremadura apresenta um nível de alunos matriculados no 1º ciclo superior ao registado nas regiões portuguesas mas no caso da percentagem de alunos matriculados no ensino superior o maior peso observa-se em Portugal.

Este trabalho permite concluir que o espaço de fronteira analisado apresenta, de facto, muitos pontos de contacto, em que é possível observar uma continuidade entre as várias regiões mas também existem ainda diferenças, muitas vezes de natureza estrutural. A integração europeia e as políticas europeias de desenvolvimento têm contribuído, todavia, para atenuar estas diferenças.